

Diferenciais regionais de fecundidade na adolescência: um olhar retrospectivo ¹

Paula Miranda-Ribeiro—Cedeplar/UFMG (paula@cedeplar.ufmg.br)

Andréa Branco Simão—Cedeplar/UFMG (deia@cedeplar.ufmg.br)

Adriana Miranda-Ribeiro—Cedeplar/UFMG (adrianamribeiro@cedeplar.ufmg.br)

Resumo: o objetivo central deste estudo é analisar, em uma perspectiva regional, mudanças e permanências em características socioeconômicas e demográficas de mulheres pertencentes a duas coortes diferentes de nascimento que tiveram o primeiro filho na adolescência. As características dessas mulheres são comparadas com as de mulheres da mesma geração, mas que não tiveram filho durante a adolescência. São utilizados os microdados das histórias de nascimentos reconstruídas a partir dos Censos Demográficos de 1980 e 2010. Os resultados indicam que as características das mulheres que tiveram filhos na adolescência são, em geral, distintas daquelas que tiveram filhos após os 20 anos de idade ou ainda não tiveram filhos. No entanto, entre as variáveis socioeconômicas e demográficas analisadas, a única que pode ser associada negativamente com a gravidez na adolescência é a educação, pois apesar do aumento da cobertura educacional, nos dois períodos analisados, mulheres que foram mães na adolescência tiveram mais dificuldade para completar a trajetória escolar.

Palavras-chave: Fecundidade; Adolescência; Histórias de nascimentos; Censos Demográficos; Brasil; Diferenciais regionais.

Regional teenager fertility differentials: a retrospective analysis

Abstract: The main objective of this study is to analyze, from a regional perspective, changes and permanencies in socioeconomic and demographic characteristics of women from two different birth cohorts who had their first child during their teenagers' years. The characteristics of these women are compared with those of women of the same generation, but who did not have a child during adolescence. Microdata from the Demographic Brazilian Censuses of 1980 and 2010 was used to reconstruct birth histories. The results indicate that the characteristics of women who had children while in their teenagers' years are, in general, different from those who had children after 20 years of age or had no children. However, among the analyzed socioeconomic and demographic variables, the only one that can be negatively associated with teen pregnancy is education, because despite the increased educational coverage observed in the country, in the two periods analyzed, teenager mothers had more difficulty to fully complete their education.

Keywords: Fertility; Teenager; Birth histories; Demographic Censuses; Brazil; Regional differentials.

1 - INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A partir do final dos anos de 1960, as altas taxas de fecundidade que caracterizavam o cenário demográfico do país começam a declinar, atingindo, em períodos mais recentes, o

1 O artigo é parte do projeto “Olhando pra trás: a gravidez na adolescência na perspectiva das mulheres de 30 em cinco municípios mineiros” (APQ-02688-18), financiado pela FAPEMIG. A primeira e a terceira autoras são bolsistas de produtividade do CNPq.

que se denomina de nível de fecundidade abaixo de reposição (2,1 filhos por mulher) (IBGE, 2020). Esse declínio, contudo, não foi seguido de maneira uniforme e, de acordo com dados dos censos demográficos brasileiros realizados entre 1980 e 2000, as taxas de fecundidade de todos os grupos etários declinaram, exceto daquele formado por mulheres entre 15 e 19 anos. Neste grupo, as taxas só passaram a apresentar declínio na década seguinte, mas ainda assim se mantiveram em patamares elevados. Em função deste panorama, a partir do final dos anos 1980 um amplo leque de questões relativas à gravidez na adolescência vem sendo estudado de forma consistente no âmbito da Demografia (HENRIQUES; SILVA, 1988; MELO, 1988; MELO, 1996; SILVA, 1996; CAMARANO, 1998; GUPTA; LEITE, 1999, BRASIL; SANTOS, 2000; SILVA, 2002; MOREIRA, 2002; AQUINO ET AL., 2003; LEITE; RODRIGUES; FONSECA, 2004; BERQUÓ; CAVENAGHI, 2005; COSTA; MELLO; OJIMA, 2005; MENEZES; AQUINO; SILVA, 2006; YAZAKI, 2008; FRANÇA, 2008; MCKINNON; POTTER; GARRARD-BURNET, 2008; MIRANDA-RIBEIRO; LONGO; RIOS-NETO; POTTER, 2009; SANTOS; JUAREZ; MOREIRA, 2000; ABREU; MIRANDA-RIBEIRO; CÉSAR, 2000; CABRAL, 2002; ALMEIDA, 2002; RESENDE; FONSECA, 2008; MIRANDA-RIBEIRO; LONGO; POTTER, 2010; entre outros).

Alguns dos autores que se dedicam ao estudo da temática sugerem que a gravidez na adolescência nem sempre foi vista como um problema e que foi durante o século XX que se testemunhou uma importante mudança na percepção sobre a gravidez e a fecundidade durante a adolescência. Bastante comum antes dos vinte anos, o casamento tinha como uma consequência imediata, a geração de filhos. À medida que as expectativas sobre o papel social das mulheres foram mudando, a gravidez e a fecundidade na adolescência deixaram de ser vistas como algo normativo. Nessa direção, Abreu, Miranda-Ribeiro e César (2000) ressaltam que, até o final do século XIX, a maternidade antes dos 20 anos era usual e acontecia, em geral, em função do padrão de formação de família vigente na época. Nesse período, a gravidez e a maternidade aconteciam em idades ainda bem jovens e não eram percebidas como um problema. Na verdade, a expectativa social era de que as jovens se casassem até em torno dos vinte anos, caso contrário, seriam consideradas como “solteironas”. À medida que a fecundidade foi declinando no país, essa percepção começou a se alterar e, na atualidade, conforme enfatiza Coll (2001), a maternidade é vista como uma função da idade adulta. No entanto, uma adolescente tem a possibilidade de engravidar sem ter cumprido o que se espera dela em termos de trajetórias. Quando isso acontece, a expectativa é de que efeitos negativos de longo prazo afetem diversas dimensões da vida das jovens mães e, também, da de seus filhos. (LUONG, 2008) Assim, a gravidez e a maternidade entre

adolescentes revelam desigualdades que comprometem eminentemente a vida de jovens, particularmente daquelas de estratos socioeconômicos mais vulneráveis, reduzindo suas oportunidades e chances de melhores condições de vida (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2016).

Ao analisarem os efeitos de transferências de renda sobre a redução da fecundidade de adolescentes no Brasil, Olson e seus colegas (2019) argumentam que adolescentes que vivem na pobreza são as mais afetadas pelos resultados adversos da fecundidade adolescente. Quando comparadas com adolescentes que não engravidaram, as que engravidam durante a adolescência têm duas vezes menos chances de permanecerem na escola quando se tornam mães. Enquanto 80% das meninas entre 16 e 17 anos que não engravidam permanecem estudando, somente 25% das que têm filhos conseguem fazer o mesmo. A correlação entre aumento no nível educacional e redução na fecundidade tem sido observada não somente no Brasil, mas em diferentes países da América Latina (GUPTA; LEITE, 1999).

Ordem de nascimentos mais altas também estão associadas com o *timing* da primeira gravidez. Mães adolescentes apresentam uma chance mais elevada de terem mais filhos, tornando mais difícil a conquista de níveis mais elevados de bem-estar. A correlação entre gravidez na adolescência e níveis mais baixos de escolaridade resultam em desvantagens que podem dificultar o desenvolvimento das crianças através do curso de vida (OLSON, CLARK; REYNOLDS, 2019). Fürstenberg, Brooks-Gunn e Morgan (1987) ressaltam que nascimentos adicionais durante a adolescência podem restringir as mães de frequentarem a escola e de ganharem experiências de trabalho. Meninas que tiveram filhos na adolescência apresentam pior desempenho escolar, níveis de aspirações mais baixos e vem de famílias que enfrentam mais desvantagens do que aquelas que não tiveram filhos durante a adolescência. Apesar disso, é preciso lembrar que o fato de integrarem um mesmo contingente etário não torna as pessoas semelhantes: desigualdades em distintas dimensões da vida determinam contextos culturais e oportunidades completamente diferentes (VILLELA; DORETO, 2006). O estudo de Lima, Zeman, Nathan, Castro e Sobotka (2017), no entanto, mostra que em alguns países da América Latina, inclusive no Brasil, altas taxas de fecundidade não planejada em mulheres mais jovens andam lado a lado com desigualdade de renda e diferenças sociais mais agudas, especialmente no caso de mulheres de nível educacional mais baixo. Olson, Clark e Reynolds (2019) salientam que adolescentes que vivem na pobreza são particularmente afetadas pela gravidez na adolescência.

Sabe-se que, no caso do Brasil, as desigualdades por raça/cor são importantes de serem consideradas, pois são expressões de iniquidades de diferentes ordens. Ao analisarem

dados dos censos demográficos de 1991, 2000 e 2010, Martins e Verona (2019) observam que as chances de ter tido um filho era maior entre as negras do que entre as brancas. Para Vignoli (2014) esse padrão é sistemático e retroalimenta o mesmo padrão, pois tende a deteriorar ou a pressionar a situação de grupos já vulneráveis e de menor poder socioeconômico. Esse círculo que se forma, agudiza as desigualdades sociais iniciais e revela um exercício assimétrico dos direitos, em particular dos direitos sexuais e reprodutivos.

Além dos aspectos envolvidos na questão raça/cor, Martins e Verona (2019) também mostram que as disparidades na fecundidade adolescente são visíveis quando as diferentes regiões do país são analisadas: viver na região Centro-Oeste, segundo os autores, aumentava as chances de uma adolescente ter tido um filho nos 12 meses anteriores ao censo.

Considerando os aspectos pontuados, o objetivo central deste estudo é analisar mudanças e permanências em características socioeconômicas e demográficas de mulheres, pertencentes a duas coortes diferentes de nascimento, que tiveram o primeiro filho antes dos 20 anos de idade. As características dessas mulheres serão comparadas com as de mulheres da mesma geração, mas que não tiveram filho antes de chegarem aos 20 anos. Duas perguntas centrais guiam o desenvolvimento do estudo: é possível observar diferenças entre as mulheres que tiveram filho na adolescência e aquelas que tiveram depois dos 20 anos? Se sim, quais são as diferenças? Para realizar esse estudo são utilizadas histórias de nascimentos reconstruídas a partir dos dados dos Censos Demográficos do Brasil de 1980 e de 2010. São objeto de estudo as mulheres que, em 1980 e 2010, tinham entre 30 e 39 anos e que declararam ter tido filho nascido vivo; os grupos de comparação são compostos por: a) mulheres que tiveram o primeiro filho entre 15 e 19 anos e; b) mulheres que tiveram o primeiro filho após 20 anos de idade. Região, total de filhos nascidos vivos, situação conjugal, raça/cor e escolaridade serão as variáveis consideradas para essa análise.

A expectativa é de que os resultados desse estudo possam contribuir para ampliar a compreensão de questões relacionadas à fecundidade na adolescência, particularmente aquelas pertinentes ao impacto que esse evento exerce em algumas dimensões da vida das mulheres. Embora exista um número expressivo de trabalhos que consideram a questão da fecundidade na adolescência, poucos são os que investigam efeitos desse acontecimento analisando características sociodemográficas de mulheres mais maduras que experimentaram o nascimento de um filho enquanto ainda eram adolescentes. Muitos estudos realizados sobre o tema têm como foco as adolescentes entre 15 e 19 anos (VIGNOLI; CAVENAGHI, 2014; CHIAVEGATTO FILHO; KAWACHI, 2015; BURATO; KRETZER; FREIAS; TRAEBERT, 2019) e, mais recentemente, aquelas entre 10 e 14 anos (BORGES;

CHOFAKIAN; SATO, 2016; DIAS JR.; VERONA; DUARTE, 2020). No entanto, é mais difícil verificar os efeitos da fecundidade durante a adolescência em mulheres que ainda estão nessa fase ou recém-saíram dela, pois suas trajetórias, em várias dimensões, ainda não estão bem consolidadas e há possibilidades de reversão. Para tentar contribuir com o conhecimento acerca dos efeitos da fecundidade na adolescência, o foco desse estudo está voltado para as mulheres de 29 a 33 anos de idade, que já têm ao menos uma década de vida pós-adolescência e, por isso, apresentam chances mais elevadas de terem características mais definidas.

Para tratar das questões inicialmente colocadas, esse trabalho está dividido em cinco partes, sendo a primeira essa introdução. A segunda parte apresenta o método escolhido para atingir o objetivo central proposto. A terceira parte mostra e analisa os resultados obtidos e, por fim, na quarta parte, são feitas algumas considerações finais sobre o estudo ora desenvolvido.

2 - METODOLOGIA

Para este trabalho, foram utilizados os microdados das histórias de nascimentos reconstruídas a partir dos Censos Demográficos de 1980 e 2010. A metodologia de reconstrução de histórias de nascimentos, baseada no processo de pareamento (MIRANDA-RIBEIRO; RIOS-NETO; CARVALHO, 2009), utiliza informações sobre a estrutura domiciliar/familiar e algumas variáveis sobre reprodução, disponíveis nos censos, para alocar no tempo os nascimentos declarados das mulheres recenseadas. Além de alocar os filhos presentes no domicílio, o método imputa as idades dos filhos omitidos – ausentes ou falecidos –, por um período de quinze anos anteriores a cada censo. No banco de dados das histórias de nascimentos reconstruídas, cada linha corresponde a uma mulher e contém variáveis que indicam quantos filhos a mulher teve em cada ano e a ordem dos filhos nascidos, nos quinze anos anteriores ao censo.

As histórias de nascimentos reconstruídas a partir dos Censos Demográficos de 1980 e 2010 cobrem os períodos 1966 a 1980 e 1996 a 2010, e permitem identificar se as mulheres com idade entre 29 e 33 anos – duas coortes, portanto – na data dos Censos (1980 e 2010), tiveram o primeiro filho antes de completarem 20 anos de idade. No início das séries, essas mulheres tinham entre 15 e 19 anos de idade.

Variáveis utilizadas na comparação

Região: composta por 5 categorias: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

Total de filhos nascidos vivos: representa o total de filhos nascidos vivos declarados pelas mulheres nos Censos de 1980 e 2010. A categoria 4+ inclui as mulheres que declararam terem tido 4 ou mais filhos nascidos vivos.

Estado conjugal: A variável utilizada tem três categorias: (i) vive com cônjuge; (ii) não vive, mas já viveu com cônjuge; e (iii) nunca viveu com cônjuge. No Censo 2010, essa variável é perguntada diretamente às mulheres. No Censo 1980, ela foi construída com base na variável 'Estado Conjugal'. Foram classificadas na categoria (i) as mulheres que declararam viver em casamento civil e religioso, só em casamento civil, só em casamento religioso e em outro tipo de união; foram classificadas na categoria (ii) as que se declararam viúvas, separadas, divorciadas e desquitadas; foram classificadas na categoria (iii) as solteiras.

Raça/Cor: é composta por três categorias: brancas, negras (pretas + pardas) + indígenas, e amarelas. É importante ressaltar que a categoria indígena foi incorporada no Censo 1991; em 1980, os indígenas estão classificados como pardos e, por isso, foram incluídos na categoria pardos em 2010, para compatibilização dos dados.

Nível de escolaridade: é composta por três categorias, definidas de acordo com as informações disponíveis no Censo Demográfico de 2010. A categoria 'sem instrução e Ensino Fundamental incompleto' agrega mulheres que têm até 7 anos de estudo completos. No segundo grupo, 'Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto', estão as mulheres que têm entre 8 e 10 anos de estudo completo. O terceiro grupo, 'Ensino Médio completo, Superior incompleto e Superior completo' agrupa mulheres que terminaram ou concluíram ao menos o Ensino Médio.

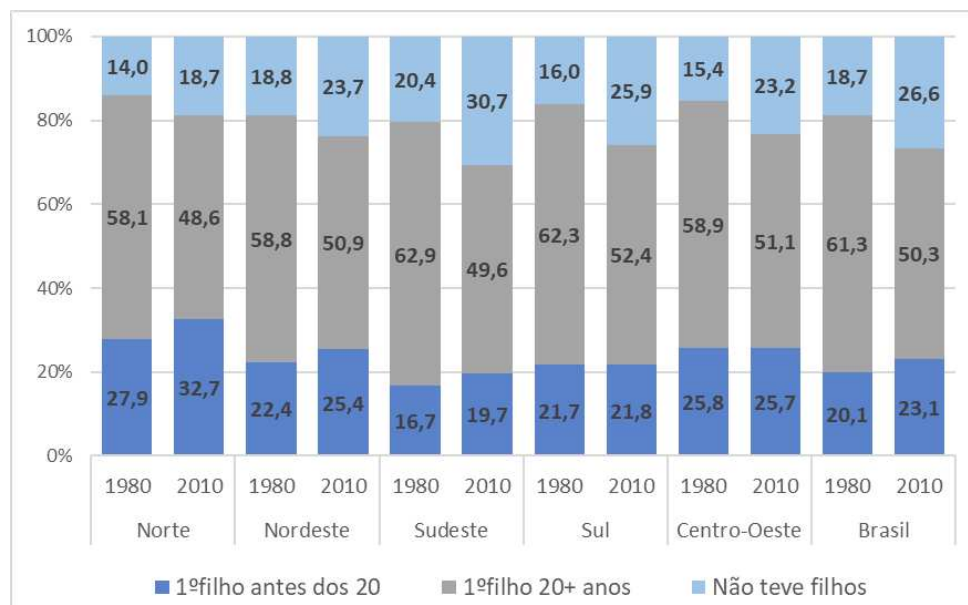
3 – RESULTADOS

Os bancos de dados das histórias de nascimentos reconstruídos a partir dos Censos Demográficos de 1980 e 2010 utilizados neste trabalho são compostos, respectivamente, por 4.108.877 e 8.284.918 de mulheres com idade entre 29 e 33 anos. Os bancos de dados são compostos pelas histórias de nascimentos dessas mulheres por um período de 15 anos, anteriores aos censos. Para cada ano, é possível identificar se a mulher teve ou não um filho, e qual a ordem de nascimento desse filho. Assim, foi possível classificar as mulheres em três grupos: (i) as que tiveram o primeiro filho antes dos 20 anos de idade (até 19 anos completos de idade, portanto); (ii) mulheres que tiveram o primeiro filho com 20 anos ou mais de idade; (iii) mulheres que não tiveram filhos até a data dos censos. Importante destacar que as mulheres do grupo (iii) são jovens e podem ter tido o primeiro filho após a data de referência

dos censos, de modo que não representam as mulheres que chegam ao final do período reprodutivo sem filhos.

A condição de maternidade, entendida neste trabalho como o momento do nascimento do primeiro filho, mostra perfis distintos de mulheres nos dois censos e entre regiões. No Brasil, em 1980, 20,1% dessas mulheres haviam tido o primeiro filho antes dos 20 anos de idade; 61,3% haviam tido o primeiro filho a partir de 20 anos de idade; e 18,7% não haviam tido filhos até o momento do censo. Em 2010, observa-se aumento do percentual de mulheres que foram mães antes dos 20 anos de idade (23,1%) e das mulheres que não foram mães até a idade investigada (26,6%); o percentual de mulheres que tiveram filhos após os 20 anos de idade foi de 50,3% (Figura 1). Entre as regiões, as variações entre os grupos são semelhantes, com aumento da proporção das que foram mães na adolescência e de mulheres que não tiveram filhos até a idade. Com relação aos diferenciais, observa-se que a Norte apresenta os maiores percentuais de mulheres de 29-33 anos que foram mães antes dos 20 anos, enquanto a região Sudeste apresenta os menores percentuais. Essas mesmas regiões apresentam, respectivamente, os menores e os maiores percentuais de mulheres de 29-33 sem filhos. O destaque é a região Sudeste, com quase 1/3 das mulheres de 29-33 anos sem filhos em 2010.

Figura 1. Brasil e regiões, 1980 e 2010: percentual de mulheres de 29-33 anos de idade, segundo condição de maternidade (1º filho).



Fontes: Censos Demográficos de 1980 e 2010 (microdados das histórias de nascimentos reconstruídas)

Além dos aspectos mencionados, os resultados exibidos na Figura 1 também evidenciam o fato de que nas últimas décadas, apesar do declínio observado no número

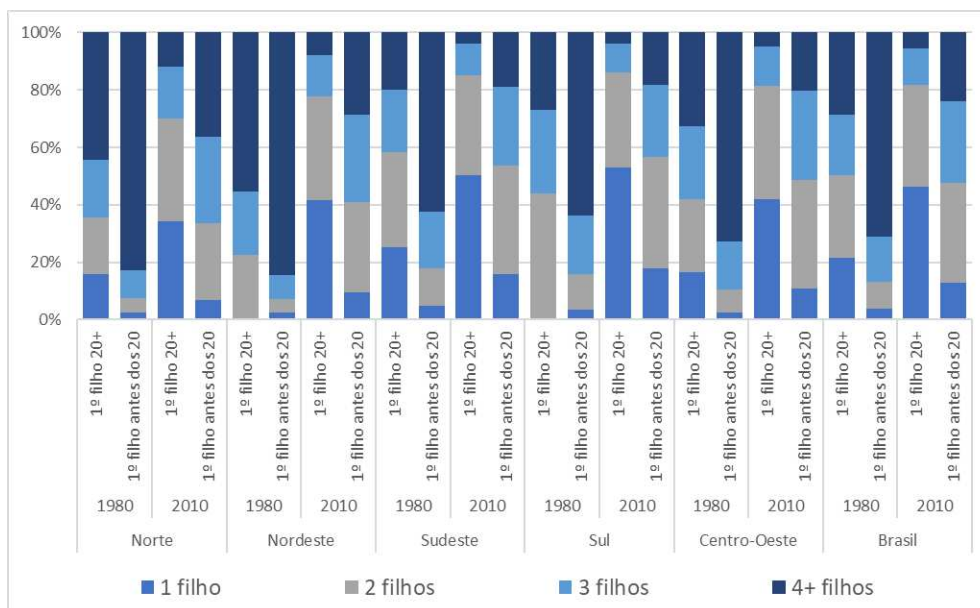
médio de filhos nascidos vivos por mulher ao longo do período reprodutivo, a proporção de adolescentes que se tornaram mães aumentou entre 1980 e 2010, contrariando a tendência geral de redução das taxas de fecundidade. Os resultados relativos as regiões brasileiras apontam para a necessidade de se levar em conta, nas investigações sobre gravidez na adolescência, as heterogeneidades socioeconômicas que caracterizam a realidade brasileira. Assim como em outros estudos, as proporções mais elevadas de adolescentes que já haviam se tornado mães é observada exatamente nas regiões que são, historicamente, associadas aos piores índices de desenvolvimento e pobreza, tais como a Norte e Nordeste do país. Adicionalmente, vale pontuar que, a queda no percentual de mulheres que tiveram filhos depois dos vinte anos, quando os dados de 1980 são comparados com os de 2010, vai ao encontro do que já se observava para o país como um todo, ou seja, o declínio no número de filhos tidos por mulher ao longo do período reprodutivo.

A Figura 2 apresenta o total de filhos nascidos vivos das mulheres de 29-33 anos de idade até a data dos censos, segundo a condição de maternidade (1º filho). Os resultados mostram que o momento em que a mulher tem o primeiro filho está relacionada à sua parturição. Embora não se trate da parturição final das mulheres, aquelas que iniciaram a maternidade antes dos 20 anos de idade têm, aos 29-33 anos, em média, parturição mais elevada. Outra característica geral é a queda da parturição para as duas categorias de condição de maternidade, entre 1980 e 2010, evidenciada pela queda da participação das parturições elevadas (4+ e 3) e aumento das parturições inferiores.

Em 1980, cerca de 70% das mulheres brasileiras de 29 a 33 anos de idade que foram mães durante a adolescência, tinham 4 filhos ou mais; menos de 15% tinham um ou dois filhos. No mesmo ano, entre as mulheres que tiveram o primeiro filho a partir dos 20 anos de idade, menos de 30% tinham quatro filhos ou mais; e 50% tinham um ou dois filhos. Em 2010, o percentual das que tinham quatro filhos ou mais declinou para pouco mais de 20%, entre as que foram mães antes dos 20 anos e para cerca de 5%, entre as que tiveram o 1º filho com 20 anos ou mais de idade.

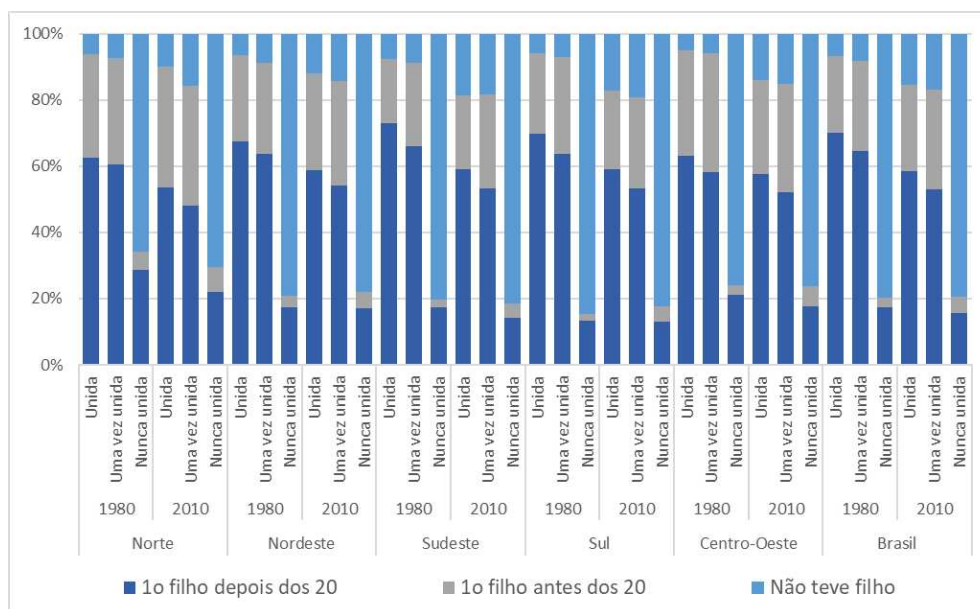
Entre as regiões, observa-se a mesma tendência entre os anos. As regiões Norte e Nordeste apresentam os maiores percentuais de mulheres com parturição 4 nos dois anos, sendo que, em 1980, esse percentual ultrapassa os 80% entre as que tiveram o 1º filho na adolescência. Nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, menos de 20% das mulheres têm, em 2010, três ou mais filhos.

Figura 2. Brasil e regiões, 1980 e 2010: percentual de mulheres de 29-33 anos de idade, por parturição, segundo a condição de maternidade (1º filho)



Fontes: Censos Demográficos de 1980 e 2010 (microdados das histórias de nascimentos reconstruídas)

Figura 3. Brasil e regiões, 1980 e 2010: percentual de mulheres de 29-33 anos de idade, por condição de maternidade (1º filho), segundo o *status* marital.



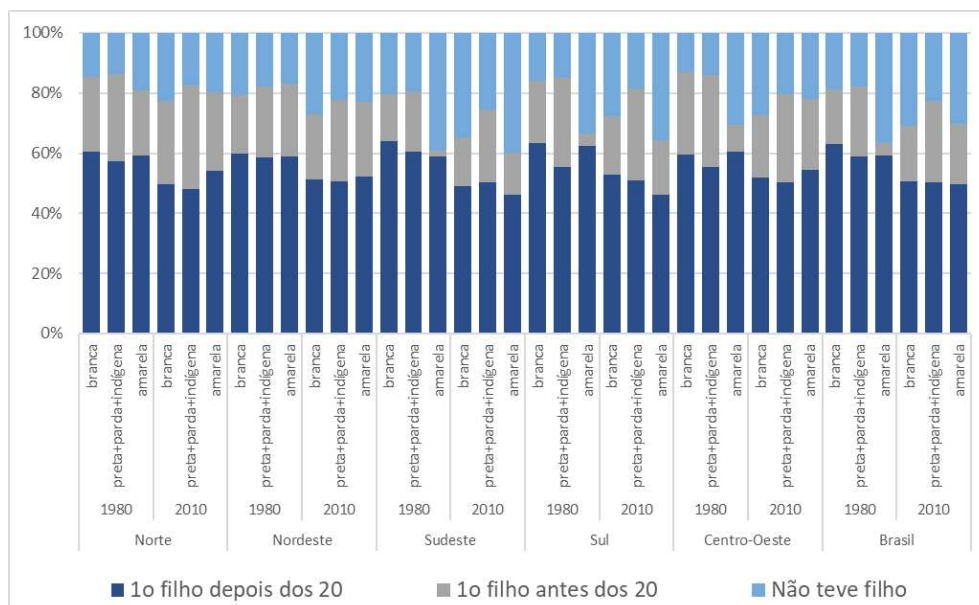
Fontes: Censos Demográficos de 1980 e 2010 (microdados das histórias de nascimentos reconstruídas)

Mulheres de 29-33 anos nunca unidas, em maioria, não tiveram filhos, o que mostra a relação positiva entre união e fecundidade (Figura 3). No Brasil, o percentual chega a 80%, tanto em 1980 quanto em 2010. Entre as regiões, há diferenciais, destacando-se relação mais

forte nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul; na região Norte, embora o percentual seja menor, cerca de 65% e 70% das mulheres nunca unidas não tinham filhos em 1980 e 2010, respectivamente. Entre mulheres unidas e alguma vez unidas, o percentual das que tiveram filhos antes e a partir dos 20 anos é próximo, embora observe-se pequeno aumento da proporção das que não tiveram filhos entre 1980 e 2010.

Em relação à raça/cor, os resultados exibidos na Figura 4 evidenciam as desigualdades, no que tange à condição de maternidade. Em 2010, a proporção de mulheres de 29-33 anos que tiveram o primeiro filho a partir dos 20 anos independe da raça/cor e corresponde à metade delas. Considerando as que tiveram o primeiro filho na adolescência, a proporção é maior entre as pretas, pardas e indígenas (ppi). Para as três categorias, a proporção das que foram mães na adolescência é maior em 2010, especialmente entre as amarelas. O comportamento nas regiões, embora em proporções distintas, é semelhante: queda do percentual das que tiveram o primeiro filho a partir dos 20 anos e aumento da proporção das mulheres que os tiveram antes dos 20. De um modo geral, observa-se aumento da proporção de mulheres que não tinham filhos entre os dois períodos, sendo que o aumento foi maior entre as brancas.

Figura 4. Brasil e regiões, 1980 e 2010: percentual de mulheres de 29-33 anos de idade, por condição de maternidade (1º filho), segundo raça/cor.

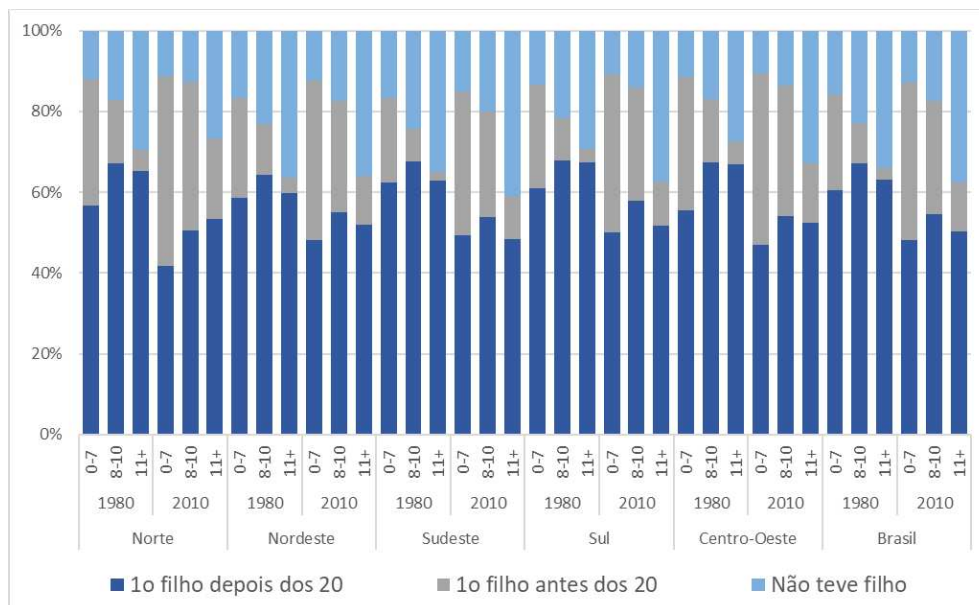


Fontes: Censos Demográficos de 1980 e 2010 (microdados das histórias de nascimentos reconstruídas)

Com relação à escolaridade, os resultados exibidos na Figura 5 evidenciam as desigualdades entre mulheres de 29-33 anos de idade, no que tange a condição de

maternidade. Em todas as regiões e nos dois períodos, é maior a proporção de mulheres de 29-33 que tiveram o primeiro filho antes dos 20 anos de idade, sendo que a proporção aumentou em todas as regiões, entre 1980 e 2010. Entre as mulheres com 11 anos ou mais de estudo, o percentual das que foram mães na adolescência é o menor, embora também se tenha observado aumento da proporção no período analisado. A proporção de mulheres que não tinham filhos permaneceu praticamente constante entre as menos escolarizadas e aumentou entre as mais escolarizadas; na região Sudeste, essa proporção chegou a 40% em 2010.

Figura 5. Brasil e regiões, 1980 e 2010: percentual de mulheres de 29-33 anos de idade, por condição de maternidade (1º filho), segundo anos de estudo completos.



Fontes: Censos Demográficos de 1980 e 2010 (microdados das histórias de nascimentos reconstruídas)

Embora os dados indiquem que, entre 1980 e 2010, houve um movimento de redução no percentual de mulheres que tiveram o primeiro filho antes dos vinte anos, a maternidade na adolescência ainda manteve percentuais elevados, particularmente entre grupos mais vulneráveis. Tal fato indica que é necessário ter um olhar atento às desigualdades e aos impactos por elas provocados. Os resultados relativos à educação sugerem que, embora a gravidez na adolescência seja um fenômeno que permeia as diferentes classes, ele é muito mais marcante entre meninas que fazem parte de grupos de maior vulnerabilidade social, tais como as pretas, pardas e indígenas e as menos escolarizadas.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres que foram incluídas nesse estudo tinham entre 29 e 33 anos em 1980 e 2010, sendo, portanto, das coortes nascidas entre 1947 e 1951 e entre 1977 e 1981. Isso significa que foram adolescentes nas décadas de 1960 e 1990. Os resultados refletem, de certa forma, momentos distintos da transição da fecundidade. Eles também indicam que as características das mulheres que tiveram filhos na adolescência são, em geral, diferentes daquelas que tiveram filhos após os 20 anos de idade ou ainda não tiveram filhos. Entre 1980 e 2010 observa-se um aumento da proporção de mulheres da coorte 29-33 anos que foram mães enquanto ainda eram adolescentes. Esse aspecto reflete o aumento da fecundidade adolescente no passado.

As regiões Norte e Centro-Oeste se destacam por apresentarem as proporções mais elevadas de mulheres que foram mães na adolescência. Esse comportamento é observado nos dois momentos analisados. No entanto, em 2010, essa proporção é mais elevada na região Norte. Chama a atenção o aumento da proporção, em todas as regiões, de mulheres de 29 a 33 anos que, em 2010, ainda não tinham filhos. Esse aumento, em conjunto com a queda da proporção de mulheres que tiveram filhos a partir dos 20 anos, pode sugerir um adiamento da fecundidade entre essas mulheres, em todas as regiões.

A proporção de mulheres de 29 a 33 anos, segundo o total de filhos nascidos vivos declarados nos dois censos, reflete distintos regimes de fecundidade, o que fica evidenciado nos diferentes padrões observados nos dois períodos. É importante ressaltar que os resultados não mostram a parturição final das coortes. As mulheres que tiveram o primeiro filho na adolescência têm sempre uma parturição maior. Em 1980, a moda da distribuição entre as mães adolescentes era 4 filhos ou mais; em 2010, a moda era 2 filhos, embora a proporção das que chegaram à parturição 4+ também não seja desprezível, dado o regime de fecundidade observado na época. Outra característica associada ao regime de fecundidade mais recente é o fato de a fecundidade das mulheres que tiveram filhos a partir dos 20 anos estar concentrada nas ordens de nascimento mais baixas.

A análise da situação conjugal mostra a valorização da união na presença de filhos pelas duas coortes. Apesar disso, vale observar que entre as que têm filhos, aumenta a proporção daquelas que passam a viver sem cônjuge, o que sugere uma flexibilização das normas relativas à união. Outro aspecto que chama a atenção é o aumento da proporção de mulheres vivendo em união, entre as que não tiveram filhos até a idade 29-33 anos, sugerindo que a união não necessariamente implica em ter filhos.

Independente do período analisado, os resultados mostram que as mulheres auto classificadas como negras/indígenas sempre apresentaram proporções mais elevadas de filhos durante a adolescência. Tal fato contribui para a permanência dos diferenciais de vulnerabilidade dessas mulheres em relação às mulheres brancas.

Os resultados deixam claro o aumento da cobertura educacional no Brasil em décadas recentes, em todos os níveis, incluindo o Superior. Nos dois períodos, é evidente que as mulheres que têm filhos na adolescência apresentam mais dificuldade em completar a trajetória escolar. De acordo com os dados de 2010, a proporção de mulheres sem instrução/Ensino Fundamental incompleto caiu vertiginosamente, mesmo entre as que tiveram o primeiro filho na adolescência. Em 1980, a moda da distribuição era o menor nível educacional, independentemente de a mulher ter tido filhos, ou não. Em 2010, a moda entre as mulheres que tiveram filhos a partir de 20 anos era o Ensino Médio completo/Superior incompleto; entre as que não tiveram filhos, destaca-se a alta proporção de mulheres com nível Superior completo.

Das características analisadas, a educação é a única que pode estar diretamente associada a possíveis efeitos negativos da fecundidade na adolescência. Conforme apontado pela literatura, as mulheres que vivenciam a maternidade até 19 anos apresentam chances mais baixas de permanecerem na escola, quando comparadas àquelas que não tiveram filhos nessa fase da vida. Os níveis mais baixos de educação são associados com maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho em ocupações que permitam ganhos salariais mais elevados. Essa dificuldade na educação traz, em geral, impactos de longo prazo no curso de vida das mulheres. Apesar de essa ser uma análise meramente descritiva, seus resultados apontam que, de maneira geral, a maternidade na adolescência está ligada a características socioeconômicas e demográficas menos favoráveis. No entanto, as mulheres que tiveram essa experiência podem não perceber dessa maneira. Nesse sentido, trabalhos de natureza qualitativa são essenciais para que se compreenda essa questão na perspectiva das mulheres.

5- AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, D. M. X., MIRANDA-RIBEIRO, P., CÉSAR, C. C. A gente na adolescência acha que sabe tudo, mas não sabe nada: gravidez na adolescência, redes familiares e condições de vida das jovens mães e de seus filhos em Belo Horizonte. Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu: ABEP, 2000.

ALMEIDA, M. A. S. Treze Meninas e suas Histórias...Um estudo sobre gravidez adolescente. Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu: ABEP, 2002.

AQUINO, E. M. L., HEILBORN, M. L., KNAUTH, D., BOZON, M., ALMEIDA, M. DA C, ARAÚJO, JENNY, & MENEZES, G. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Cadernos de Saúde Pública*, v.19, suppl.2, p. 377-388, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000800019>

BERQUÓ, E. S., CAVENAGHI, S. M. Increasing adolescent and youth fertility in Brazil: a new trend or a one-time event? Anais do Annual Meeting of the Population Association of America. Philadelphia: Population Association of America, 2005.

BORGES, A.L.V., CHOFKIAN, C.B. D. N., SATO, A.P.S. ET AL. Fertility rates among very young adolescent women: temporal and spatial trends in Brazil. *BMC Pregnancy Childbirth*, v. 16, n.57, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12884-016-0843-x>

BRASIL, M. C., SANTOS, C. A. Ficamos, e agora? A gravidez na adolescência no município de Manaus. Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu: ABEP, 2000.

BURATO, J., KRETZER, M. R., FREIAS, P. F, TRAEBERT, J., NUNES, R. D. Temporal trend of adolescent pregnancy in Brazil. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v.65, n.6, p.880-885. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9282.65.6.880>

CABRAL, C. S. Gravidez na adolescência as camadas populares do Rio de Janeiro: um “problema” de classe ou de geração? Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu: ABEP, 2002.

CAMARANO, A. A. Fecundidade e anticoncepção da população jovem. In A. A. Camarano. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*, v. 1, p.109-133. Brasília: CNPD, 1998.

CHIAVEGATTO FILHO, A.D.P., KAWACHI, I. Income inequality is associated with adolescent fertility in Brazil: a longitudinal multilevel analysis of 5,565 municipalities. *BMC Public Health*, v.15, n.103, p. 1-7 2015.

COLL, A. Embarazo en la adolescencia ¿Cuál es el problema? In S. D. Burak (Org.) *Adolescencia y juventud en América Latina*. Cartago, Costa Rica: Libro Universitario Regional, 2001.

COSTA, J.V., MELLO, L.F., OJIMA, R. Religion and fertility: understanding adolescence pregnancy and family religion. Anais do XXV International Union for the Scientific Study of Population Conference, Tours, IUSSP, 2005.

DIAS JR. C., VERONA, A. P., DUARTE, M. L. M. Maternidade entre adolescentes de 10 a 14 anos no Brasil. *Health and Diversity*, 4, 50-52, 2020. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/342397434_Maternidade_entre_adolescentes_d_e_10_a_14_anos_no_Brasil

FRANÇA, M. B. Fatores associados à iniciação sexual e reprodutiva na adolescência: um estudo para Belo Horizonte e Recife, 2002. 2008. 83f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS. Fecundidade e maternidade no Cone Sul: anotações para a construção de uma agenda comum. UNFPA, 2016. Disponível em: https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/fecundidade_maternidade_adolescente_conesul_0.pdf.

FURSTENBERG, F., BROOKS-GUNN, J., MORGAN, P. Adolescent mothers and their children in later life. *Family Planning Perspectives*, 19(4), p. 142-151, 1987. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/2135159.pdf>

GUPTA, N. Sexual initiation and contraceptive use among adolescent women in northeast Brazil. *Studies in Family Planning*, v. 31, n. 3, p. 228-238, 2000.

GUPTA, N., LEITE, I.C. Adolescent fertility behavior: trends and determinants in Northeastern Brazil. *International Family Planning Perspectives*, v. 25, n. 30, p.125-130, 1999.

HENRIQUES, M. H. T., SILVA, N. V. Gravidez na adolescência: um problema emergente? Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Olinda: ABEP, 1998.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil em Síntese - População - taxas de fecundidade total. Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/taxas-de-fecundidade-total.html>

LEITE I. C., RODRIGUES, R. N., FONSECA, M.C. Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das regiões sudeste e nordeste do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 20, n. 2, p.474-481, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000200015>

LIMA, E. E. C.; ZEMAN, K., NATHAN, M., CASTRO, R., SOBOTKA, T. Twin peaks: the emergence of bimodal fertility profiles in Latin America. Vienna Institute of Demography. *Working Papers*, 10, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10419/184838>

LUONG, M. Life after teenage motherhood. *Perspectives*, 2008. Disponível em: <https://www150.statcan.gc.ca/n1/en/pub/75-001-x/2008105/pdf/10577-eng.pdf?st=6CjIlgwB>

VIEGAS MARTINS, P. H., VERONA, A. P. Mudanças na fecundidade adolescente segundo escolaridade entre 1991 e 2010 no Brasil. *Revista Latinoamericana de Población*, v.13, n.25, p.54-71, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31406/relap2019.v13.i2.n25.3>

MCKINNON, S., POTTER, J., GARRARD-BURNET, V. Adolescent fertility and religion in Rio de Janeiro, Brazil in the year 2000: the role of Protestantism. *Population Studies*, v. 62, n. 3, p.289-303, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00324720802349086>

MELO, A. V. Gravidez na adolescência: Uma nova tendência na transição da fecundidade no Brasil. Anais do X Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu: ABEP, 1996.

MELO, A. V. O fenômeno da reprodução entre jovens adolescentes de baixa renda: nota preliminar de um estudo de caso. Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Olinda: ABEP, 1998.

MENEZES, G. M. S., AQUINO, E. M. L., SILVA, D. O. Induced abortion during youth: social inequalities in the outcome of the first pregnancy. *Cadernos de Saúde Pública*, v.22, n.7, p. 1431-1446, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000700008>

MIRANDA-RIBEIRO, P., LONGO, L. A. F. B.; RIOS-NETO, E. L. G., POTTER, J. E. Fecundidade na adolescência e religião em Belo Horizonte: um primeiro exercício. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.26, n.2, p. 305-308, 2009. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/140>

MIRANDA-RIBEIRO, P., LONGO, L. A. F. B., POTTER, J. E. Deus dá, Deus tira? Uma análise preliminar da relação entre fecundidade na adolescência e religião em Minas Gerais, 2000. Anais do XIV Seminário sobre a Economia Mineira – Economia, História, Demografia e Políticas Públicas, Diamantina 2010.

MIRANDA-RIBEIRO, A., RIOS-NETO, E.L.G., CARVALHO, J.A.M. (2009). Reconstrução de histórias de nascimentos a partir de dados censitários: uma análise comparativa de duas metodologias. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Rio de Janeiro, v.26, n.1, p.21-35. 2009. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/144>

MIRANDA-RIBEIRO, P., POTTER, J. E. Sobre "se perder", "vacilar" e não encontrar o "homem certo": mudanças ideacionais, instituições e a fecundidade abaixo do nível de reposição. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.27, n.1, p.227-231, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000100013>

MOREIRA, M. M. Adolescente e Jovens do Sexo Masculino: riscos de contrair HIV/AIDS ou DST ou engravidar uma parceira. Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu: ABEP, 2002.

OLSON, Z., CLARK, R. G., REYNOLDS, S. A. Can a conditional cash transfer reduce teen fertility? The case of Brazil's Bolsa Família. *Journal of Health Economics*, v.63, p.128-144, 2019. Disponível em: doi: <https://doi.org/10.1016/j.jhealeco.2018.10.006>

RESENDE, L. V., FONSECA, M. C. Concepções metafóricas de adolescentes grávidas sobre sexualidade, gravidez e maternidade: um enfoque de gênero. Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu: ABEP, 2008.

SANTOS, T. F., JUAREZ, F., MOREIRA, M. M. A saúde reprodutiva de adolescentes masculinos em área de baixa renda no Recife. Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu: ABEP, 2000.

SILVA, R. S. Gravidez na adolescência: Aonde mora o problema? Anais do X Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu: ABEP, 1996.

VIGNOLI, J.R., CAVENAGHI, S. Adolescent and youth fertility and social inequality in Latin America and the Caribbean: what role has education played? *Genus*, v.70, n.1, p.1-25, 2014.

Disponível em:

<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1008.193&rep=rep1&type=pdf>

VILLELA, W. V., DORETO, D. T. Sobre a experiência sexual dos jovens. *Cadernos de Saúde Pública*, v.22, n.11, p.2467-2472, 2006. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2006001100021>

YAZAKI, L. M. Maternidades sucessivas em adolescentes no estado de São Paulo. Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu: ABEP, 2008.